

# JORNAL DO MINHO

PROPRIETARIO—JOÃO ANTONIO DA SILVA PEREIRA

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS.

1.º ANNO, 1875

**Anuncios e comunicados**  
Por linha . . . . . 20 réis  
Repetições . . . . . 10  
Folha avulso. . . . . 20

**TERÇA FEIRA 9 DE MARÇO**

**Assignatura paga adiantada**  
Para Braga, por trimestre. . . . . 600 réis  
Para as provincias. . . . . 725  
Escriptorio da redacção, campo de Sant'Anna n.º 66 onde se recebem os annuncios e correspondencias.

**NUMERO 20**

## BRAGA 8 DE MARÇO.

O sr. conde de Casal Ribeiro, na camara de que é digno membro, e brilhantissimo ornamento, pronunciou-se abertamente contra o governo, tomando parte na interpegação do sr. bispo de Vizeu, acerca do cabido de Bragança.

Quem, como nós, tem a fortuna de conhecer a proficiência e o saber profundo com que o nobre conde costuma tratar todas as questões em que entra, não duvidará, como nós não duvidamos um momento, nem da altura a que ella seria elevada, nem das dolorosas amarguras por que o sr. Barjona de Freitas e o governo passariam, e da impressão que toda a camara havia de sentir, ouvindo o distinctissimo orador e notavel estadista!

S. exc.ª sendo, como é, uma das primeiras glorias d'este paiz, — um caracter austero, uma intelligencia esplendida, um homem imminente, finalmente, não podia deixar de fulminar com a sua voz auctorisada e respeitabilissima um governo hypocrita, esbanjador e immoral, como esse que fatal e desgraçadamente preside aos destinos da nação!

Ainda bem que homens como um conde de Casal Ribeiro não sabem esquecer nunca o que devem a si, á lei, á moralidade, ás instituições e ao paiz; e é-nos gratissimo e consolador ver que ainda ha quem possa atravessar por cima d'esse tremedal politico em que actualmente vivemos, com a fronte levantada e limpa, sem que lhe toque sequer um salpico de lama, da que espalham por ahí a granel, esses tantos que por lá chafurdam e engordam; sendo-nos ao mesmo tempo mais

do que esperança lagueira, se não garantia segura, de que não tardará a raiar o dia em que vejamos um governo serio, progressista e moralizador dirigir com mão firme e patriótica o baixel da governação publica, que hoje, para descredito nosso, singra unicamente a mercê dos argentarios, dos poderosos e dos... compadres.

Como o povo dorme, e tambem temos como certo de que em breves tempos se lhe hão de pedir sacrificios extraordinarios, porque o governo regenerador não para no seu caminho de gastar á larga sem lhe importar o abysmo que está abrindo ao thesouro, com a devida venia transcrevemos do *Primeiro de Janeiro* o seguinte artigo, para que o povo, quando tiver de ralhar dos governantes, saiba claramente de quem se deve queixar, isto é, só do governo regenerador, e de nenhum outro.

Chamamos para este ponto a attenção dos nossos leitores.

Eis o artigo:

**A divida fluctuante**  
«Escravemos ha poucos dias um artigo acerca da divida fluctuante, extrahindo que não se tivesse publicado a nota d'esta divida, relativa ao mez de janeiro, e dando parte dos boatos desagradaveis, que a tal respeito corriam no publico. Logo acudiu um defensor encartado do governo, declarando que os nossos receios eram infundados, e que brevemente se publicaria a nota do movimento da divida fluctuante, por onde ficaria provado

que ella soffrera uma redução consideravel.

«Registramos a declaração, e ficámos esperando. Effectivamente pouco tardou que o *Diario* fizesse a publicação indicada, e por ella se deu conhecimento do estado da divida fluctuante em 27 de fevereiro ultimo. Os nossos receios, porém, é que não foram desvanecidos, nem desmentidas as nossas previsões.

«Em 31 de dezembro de 1874 a importancia da divida fluctuante ascendia a reis 3.682:900\$000. Esta divida foi contrahida depois que por um grande emprestimo nacional se consolidou a antiga. Representa, por tanto, um encargo só relativo ao anno de 1874. E' a columna do *Deve* a accusar a gerencia financeira do gabinete, e a provar com a eloquencia irrecusavel dos algarismos que a situação do thesouro não é prospera, e que se as receitas publicas teem crescido, muito mais teem augmentado as despezas, e consumido os esbanjamentos e os desperdicios.

«Nos primeiros mezes do anno é quando affluem ao erario as maiores parcelas das suas rendas. Por isso dissémos em tempo, que n'estes mezes a divida fluctuante devia diminuir consideravelmente até ficar por menos de metade ou quasi extinta, para em abril entrar rapidamente no seu movimento ascendente, que a deve levar a perto de 8:000 contos no fim do corrente anno. Os arautos ministeriaes promettiam nos que ella ficaria radicalmente extinta, mas nós sabiamos o valor que podia ter uma tal promessa, e só achavamos possivel a diminuição provisoria no começo do anno. Vimos depois que tardava a publicação da nota re-

lativa ao movimento d'aquella divida, e emittimos a suspeita de os factos irem mais longe do que as nossas previsões. Fomos alcunhados de facciosos, e com uma audacia sem par, affiançou-se que a divida fluctuante tinha soffrido uma redução profunda.

«O *Diario* publicou agora a nota relativa ao mez de fevereiro. Vê-se por ella que no ultimo dia d'aquelle mez a divida fluctuante ficou em 3.615:452\$152 reis! Eis como ella se mostra consideravelmente reduzida!

«Chamamos para este assumpto a attenção de todos os nossos leitores. A divida fluctuante é o melhor estalão da situação do thesouro. O seu crescimento indica a differença entre as despezas reaes e as receitas. Emprigamos a palavra reaes para abranger todas as sommas, que se escoam dos cofres publicos, quer ellas sejam auctorisadas por lei, quer ordenadas só pelo favoritismo e pelo compadrio. Pouco importa que as receitas augmentem, que as alfandegas produzam rendimentos cada vez mais elevados, se as despezas tambem augmentam, se a divida fluctuante, que é o seu padrão, tambem cresce. A differença ha-de pagal-a o povo, e o systema de pedir dinheiro aos agiotas tem um termo, além do qual a divida fluctuante já não passa. E' então que chega a hora das deducções, das contribuições extraordinarias, e de todos esses sacrificios dolorosos, que fazem gemer os contribuintes, e que elles attribuem a causas do momento quando é certo que ellas proveem de mais longe.

«A hora d'esses dolorosos sacrificios ha-de chegar; tem'o como certo; nem outra

12 **FOLHETIM**  
**LAMARTINE**  
**FIOR D'ALIXA**  
VERSÃO DE  
**ALFREDO CAMPOS**  
(Continuado do n.º 18)  
**CAPITULO XXXVII**  
Duas horas depois, tudo estava acabado. Os peritos voltavam com Jeronymo, que, segundo dizem, vinha mais pallido que um cadaver. Leram-nos um acto da partilha e limites, pelo qual nos subtrahiam toda a posse e todo o goso das tres quartas partes dos bens paternos. Nessa subtracção, estava comprehendido o campo dissecado do trigo de que tiravamos o melhor e o mais seguro sustento; o loureiral, que nos fornecia lenha para o forno; as amoreiras que nos davam a folha para os bichos da seda — uma onça de seda com a qual compravamos o sal e

o azeite de todo o anno. — e finalmente, o pequeno prado com a gruta, a fonte e a taça aonde Fior d'Aliza lavava os cordeiros e aonde pastava o nosso rebanho. Ah! que nada nos deixavam, afóra a rocha e as urzes em volta da cabana, e a vinha alta da encosta que desce do soalco do sul ao prado da gruta!  
— Nem a vinha baixa?  
— Não, senhor. O terreno em que nossos paes a tinham plantado, e ás velhas cepas tortas e musgosas como a barba dos anciãos, essa não a deixavam elles. Ficavamos os antigos pampanos que sabiam do terreno pedregoso e que tinham trepado de rocha em rocha até á casa, e que formavam uma latada em face da janella, e uma rede nos muros da cabana até ao telhado. Era isto o que nos deixavam com as uvas que podessem produzir no outomno. Era o bastante para o vinho, porque minha cunhada e as creanças só bebiam agoa, e eu propria só o provava, e em pequenas quantidades, nos dias de festa.

— Mas o que ficava então? perguntei eu ao cego velho.

— Ah! senhor, ficava-nos o castanheiro, o pae alimentador de tanto tempo, e o vasto espaço de relva fina e de musgo viçoso, limitado pela sombra e pelas raizes da vetusta arvore. . . Até ella, continuou o velho, a principal fonte das rendas do dominio dos Zampognari, fôra dividida em quatro partes

pelos partidarios e arbitros, ficando para o esbirro, representante dos nossos antepassados, o tronco da arvore com todos os ramos voltados ao norte, ao nascente e ao poente. A arvore estava, portanto, sujeita ao que lhe quizessem fazer, mesmo a ser destroncada em parte se assim conviesse ao possuidor; mas eram nossas todas as castanhas que cahissem e que nós colhessemos dos vastos ramos voltados ao sul e que se estendem como longos braços sobre a relva, sobre o pateo e sobre o tecto da habitação. O castanheiro é tão grosso e tão fertil que, ainda assim, nos ficava o sufficiente para nos sustentarmos quasi durante um anno, uma vez que o capricho não levasse os proprietarios de lá debaixo a cortal-o. D'isso, porém, não havia receio, porque as tres quartas partes do fructo, n'uns annos pelos outros, dão bem sessenta saccos de castanhas magnificas, e elles despreçavam a propriedade se o cortassem.

**CAPITULO XXXVIII**

Contentamo-nos com aquella partilha. Que haviamos de fazer? Deus pôde muito bem abrir ou fechar o cofre dos deus celestes ás suas creaturas! Ainda assim deixavam-nos o rebanho composto de cinco ca-

beças, tres cabras com os seus cabritos e o cão que alli vedes, attento como se estivesse ouvindo a sua historia na nossa. Jeronymo tinha-lhe posto o nome de *Zampogue*, porque o animal gostava tanto de musica como qualquer tocador, e porque todas as vezes que nós queriamos que elle voltasse com o rebanho dos pastos em que os guardava, bastava executarmos uma aria á porta da cabana, que nos comprehendia immediatamente.

Ficava-nos tambem o direito de pastagem para os cinco carneiros e para as tres cabras em todos os baldios, nas urzeiras incultas, e no loureiral, mas com a condição de que não tocariam nas amoreiras, no campo do trigo, na vinha e na relva do prado junto á fonte. Podiamos tambem abrir um atalho atravez o prado para irmos á fonte da gruta com os nossos animais, mas ora-nos prohibida a lavagem da lã na taça grande. A agoa em que jubilosamente Fior d'Aliza se mirava atravez os ramos de salgueiro só podia agora reflectir as estrellas d'ampidão.

A fonte pareceu tornar-se sombria, desde que a creança, que era a nossa estrella, deixou d'ir espelhar-se lá com seu primo.

(Continúa.)



coisa póde succeder quando o augmento das despesas sobreleva a todo o augmento de receitas. E quando então descerem as inscrições, escaceiar o metal circulante, subir o desconto, quando fór preciso recorrer a sacrificios extraordinarios, lembraremos ao povo, agora tão descuidado, que só de si tem a queixar-se porque nós lhe apontamos mensalmente o caminhar da crise, e elle dormiu a somno solto confiando no governo, que lhe vae cavando a ruina, e na sua previdente sollicitude que torna inevitavel e fatal uma crise economica e financeira n'um periodo muito curto.

«A divida fluctuante póde ascender entre nós a 16:000 contos. Além d'essa quantia já o thesouro não encontra facilmente capitaes. Param n'aquella verba as forças da agiotagem, que engorda com os emprestimos ao thesouro. Na progressão em que vae a divida fluctuante, aquelle limite ha-de ser attingido dentro de poucos annos. Durante elles poderá o governo continuar gastando á larga para admiração dos basbaques, que medem a riqueza publica pelas despesas, e não pelo seu equilibrio com as receitas. Chegando o periodo terrivel, o governo deixará a outros o encargo odioso de resolver as difficuldades, que elle proprio creou e o povo gritará contra quem lhe exige sacrificios, sem se lembrar que elles são a consequencia forçada das passadas larguezas.

«E para que se lembre é que nós registramos mensalmente o movimento da divida fluctuante. Estamos com a mão no pulso do thesouro, tacteando mez por mez o desenvolvimento progressivo da crise. O povo gosta de pagar mais? Pois pagará, mas ha-de saber a razão, porque paga, e quem é que lhe manda pagar. Aprenderá á sua propria custa, mas peor seria que da lição não tirasse proveito.»

Lisboa 4 de Março.

(Corresp. particular).

Na minha ultima, amigo redactor, registrei eu a promessa de, em muito breve, voltar a occupar aqui algum espaço para n'elle zurzir certos ridiculos e apresentar, estygmatisando-os, os mais recentes escandalos praticados pelos homens, que, por fortuna, nos governam; aqui me teem, pois, v. e os seus amaveis leitores, prompto a cumpril-a, tanto quanto em minhas debeis forças caiba.

Os ridiculos que por aqui se pavoneiam, enojam tanto, os escandalos e os atropelos succedem-se, revoltam-nos de tal sorte, que eu, apesar dos muitos annos e de ter visto bastante *fazenda* d'essa, ainda não vi, confesso-o humildemente, outra que a igualasse: tão avariada e mal cheirosa é! E, digo-o pesaroso, para lhe infligir a correccão que merecem, era preciso que possuísse o tagante de Juvenal.

Começarei por lhe dizer que o povoinho, indifferente a tudo que seja politica, por estar acostumado a ser conduzido á urna pelo medo ou pelo suborno, acordou do seu marasmo condemnavel, ao ouvir fallar da questão Farrobo.

Effectivamente, é tão grande e revestido d'umas circumstancias tão pouco edificantes, que até os mais indifferentes pela direcção dos dinheiros publicos, reagem e protestam contra tal esbanjamento. Clamam todos, e justamente indignados, que mimosear a familia Farrobo com a *dadiva* de 300 contos sahidos do thesouro, cujos recursos não são tantos como cantam os vates ministeriaes, se não é um patronato

vergonhoso, é, inquestionavelmente, um erro gravissimo, loucura desmarcada!

Eu, amigo redactor, ainda tenho vivas na memoria as lembranças dos tempos em que conheci de bem perto o fallecido chefe da familia, a quem querem presentear com uma quantia tão tentadora. Recordo-me perfeitamente da sua vida principesca, das suas ceias olympicas no palacio das Lorangeiras, das suas emprezas ousadas, das suas carroagens de marfim (ainda ha pouco vendidas em leilão), dos seus leões famosos, que muitas noites me acordaram em sobresalto com os rugidos estridentes, das decantadas ovações a artistas estrangeiros, ovações por elle promovidas e animadas; recordo-me de tudo isso e... de nunca jámais me admirar da sua pobreza...

Diziam muitos que o barão de Quintella *emprestara* sommas importantes para se animar a causa liberal e ajudar a implantação do constitucionalismo em o nosso paiz; e é esse *emprestimo* o pretexto para a escandalosa doação, que ainda tem achado defensores; almas candidas e crentes na generosidade do mencionado barão e no seu amor a uma idea grande. Era esta illusão o que tornava sympathica a sua pobreza; pobreza estudada e para armar á popularidade, como se depreheende do requerimento que dirigiu á camara legislativa o snr. Manoel Joaquim Pimenta.

Os documentos que este snr. tornou do dominio publico, dizem-nos que as hypothecas ás suas propriedades não são verdadeiras, e as difficuldades das suas finanças pura ficção; que, se o barão de Quintella arriscou parte da sua fortuna, foi em emprezas mercantis e nunca nos azares das luctas partidarias, de que só o poderia indemnizar a gratidão do paiz, e não os dinheiros que são arrancados ao povo que trabalha e soffre!

E denuncia-nos mais. O senhor de Quintella foi um negociante simplesmente, e o seu *emprestimo* a quantia de 200 contos que *pagou* em prestações, porque tinha que fazer o *deposito* para lhe ser concedido, como foi, o rendoso privilegio do tabaco, de que tirou tanto partido. Isto, diziam-n'o alguns individuos; porém o snr. Pimenta veio, e ainda bem! confirmal-o com documentos irrecusaveis.

Se ha indemnisação a conceder a alguem, — a respeito do que temos ideas proprias que não emittimos por motivos de força maior — esse alguem é sem duvida o snr. Manoel Joaquim Pimenta, unico lesado em este negocio.

Eu, amigo redactor, tambem me sacrificuei pela causa da Terceira, por ella derramei o meu sangue... e, quantos o derramaram, e sacrificaram os seus haveres! Agora pergunto eu: já nos indemnizaram d'isso? já nos fizeram algum *presentinho*? Não! que o governo não conhece os *pobres diabos*...

A questão Farrobo tem dado que fallar; por isso não admira que ainda volte a tratar do assumpto. Veremos.

— O snr. Pinheiro Chagas, deputado e jornalista official, litterato d'alto cothurno, e auctoridade duvidosa em assumptos historicos e scientificos em que mette o bedelho, *botou* artigo no *Brazil*, jornal de feição mercantil, aonde entre outras falsidades e calumnias, chama *ladrao d'estrada* ao snr. D. Nicoláo Estavanez, ex-ministro federal hespanhol e actualmente vivendo entre nós.

A calumnia era tão vil que até os proprios jornaes affonsinos vieram em defesa do aggreddido; e um dos mais conservadores, e partidario do actual estado de coisas em Hespanha, e portanto adversario politico do snr. Estavanez, desfaz

a accusação do jornalista portuguez, dirigindo-lhe, entre outras verdades amargas, a de falsificador da historia contemporanea e de impertinente impostor!... Em reforço da verdade deturpada vem ainda um correspondente de Madrid, para o *Diario Popular*, dizer-nos que na Hespanha nunca houveram ministros *ladroes*, e que o snr. Estavanez, além de ser um caracter honrado, é uma excepção entre muitos; porque indo defender uma bandeira para as montanhas, nunca lançou uma contribuição sequer, alimentando-se com os seus companheiros do pouco que lhe enviavam os seus correligionarios politicos.

Mas o que sobre tudo nós admiramos no tal aranzel, é a *delicadeza e cortezia* com que o *citado* snr. Chagas trata um estrangeiro, que veio procurar hospitalidade no seio generoso do povo portuguez!...

Oh! snr. Chagas, snr. Chagas! nos risonhos tempos, em que se dizia democrata, aposto em como não escreveria um artigo tão espurio!... Mas a politica...

— O snr. ministro do reino, aquelle bom patusco da tasca do Pepino, nomeou para o lugar de inspector de instrucção, com a bagatella de 4\$000 rs. por dia, o snr. Ghira, um *sabio* que ha tempos foi no tribunal da Boa Hora condemnado e corrido, sendo n'essa occasião demittido de reitor dos estudos. É um d'estes typos que por um resto de pudor se deviam retirar da vida publica, e que um ministro, que tivesse em algum apreço o decoro, não nomearia para logar tão honroso e... tão pingue. Acresce a isto o de ser o snr. Ghira, em sciencia, uma completa nullidade.

— Dizem-me que o snr. Manoel d'Assumpção anda estudando um discurso de espavento para dizer n'uma sessão proxima, e o snr. Barros e Cunha exercita um novo salto icario. Os *citados paes da patria* tencionam por este meio, á falta d'outro melhor, divertir a camara legislativa, que apenas tem para a entreter as sandices dos snrs. José Guilherme e Miguel Maximo, dois surdos insupportaveis. E, agora, até breve.

Um velho lisbonense.

Idem 6.

Ha quatro annos que a grande e privilegiada familia dos regeneradores se firma nas eminencias do poder, e o explora muito á sua vontade. Que lhe faça bom proveito.

Sahira d'umas intriguinhas palacianas, e acompanhava-a as tristes recordações d'um passado ominoso; porque *ella*, a *parte pensante* do paiz, como pomposamente se denominava, tivera sempre uma vida tão airada e perdularia, que fóra mister applicar-lhe uma severa correccão: correccão que todos conhecem pelo nome de *janeirinha*.

Quando se apresentou, pois, em face da nação, substituindo um ministerio a quem déra apoio — que o diga o meu antigo camarada *Sampadius*, e a quem trahira miseravelmente, promettera penitenciar-se dos velhos peccados, commettidos nas administrações transactas e *inspirar-se do espirito do seculo*, que não conhece ou que premeditadamente sophisma e adultera.

Houveram ainda muitas pessoas credulas, almas de poeta, que deram credito ás palavras fementidas dos regeneradores, esperando d'elles coisas do arco da velha, melhoramentos nunca vistos, reformas de pasmar e de agradar aos mais exigentes,

emfim, muita moralidade, muito acerto, muita economia e a morte do *deficit*, esse dragão tétrico, invulneravel e que é o terror de todas as situações.

Porém, eu como velho que sou e não me fiando em cantigas ainda que sejam muito maviosas, amolei o caso, e fiquei enfronzado n'uma certa descrença, esperando que o grande mestre da vida, o tempo, nos mostrasse a *regeneração* dos regeneradores...

Mas oh desillusão! como diria um dramathurgo d'alto cothurno. Os regeneradores, esse punhado de farçantes politicos, desde que escalaram o poder escaranchando-se n'elle, não teem feito mais do que desmentirem aquillo que prometteram, ha quatro annos, e apresentarem a segunda edição, correcta e augmentada, do sujo *poema* de disparates, immoralidades e desperdicios, que tanto os *honram* até á celebre *corrida* de Janeiro de 1868.

Como todos sabem, a moralidade, a honra, a dignidade teem sido afugentadas do poder como coisas incommodas, e em seu lugar assentaram arraiaes o nepotismo, a desvergonha e a impudencia! tem-se arrancado os ultimos ceitis ao povo que trabalha e soffre para pagar com elles os *servicos* dos *inclytos compadres* Tavares e Castello Branco! fizeram-se eleições, e a opposição foi perseguida, arredada da urna, e os regeneradores sempre coherentes, lançando mão do suborno e apoiados na força bruta das bayonetas, fizeram sahir d'ella a maioria, que ora os serve e sustem, e nos apresenta, em côrtes, um espectáculo que se a muitos diverte, a outros contrista!...

Até aqui os nossos deputados faziam do parlamento circo de disputas, gladiavam-se como os vendilhões nas praças publicas e nos mercados do peixe; agora, porém, cansados sem duvida por tanto labutar, não querem reunir-se e ha tres sessões que nada se faz por não haver numero legal!...

Já vê, amigo redactor, que estes homens nos vão denunciando mais uma qualidade boa — a preguiça!

Agora os regeneradores não são sómente devassos e corruptos, tambem são preguiçosos. Chicote com elles... e viva preguiça!

— Vae apparecer uma nova folha democratica — a *Revolução*, dirigida por aquelle rapazelho de que já tenho fallado, o Boaventura da Costa. Deve ser bastante atrevidote...

Dizem-nos que os *dois e unicos* redactores da *Republica* ficaram desesperados ao annunciar-se a sua appareição, temendo que o novo jornal venha fazer-lhes concorrência e ferir-lhes os interesses... Dão bem boas esperanças, estes senhores democraticas da *Republica*, *papel*!...

Fazemos votos para que o Boaventura da Costa nos faça conhecedores dos *ignotos* motivos porque foi *prohibido* de collaborar no *citado* periodico dos snrs. Carrilho & Pedroso.

— Os membros da succursal da *Internacional* em o nosso paiz vão tambem dar á luz da publicidade o *Protesto*, que promete ser orgão dos nossos socialistas de *á ultima hora*. Disseram-nos, muito em segredo, que o governo não era alheio á publicação do annuciado jornal. Basta dizer-lhe que os socialistas, seus futuros redactores, aconselham aos operarios abstenção politica...

Isto para um ministerio altamente conservador e reaccionario, como o actual, recommenda-se e attrae a protecção... *assás valiosa*...

— Tem feito aqui muito má impres-



são a discussão travada na camara alla entre o sr. bispo de Vizeu e o sr. ministro da justiça, a proposito do cabido de Bragança. O que todos dizem é que, se o illustre chefe do partido reformista impeliu o sr. Barjona para um terreno escorregadio e perigoso, elle não se collocou em melhor, ao contrario, entalou-se entre o risco de, para gelar os interesses e prerogativas do clero de que faz parte, abrir com os verdadeiros principios liberaes de que o julgamos sincero campeão e concorrer para o aniquilamento, ou, pelo menos, descredito do partido que tem capitaneado. Por isso, todos lastimam o incidente, que devera ser tratado com melindre e cautella, e não com acrimonia e precipitação.

Tem sido muito louvado o procedimento do illustre par do reino. o sr. Miguel Osorio, defendendo a prerogativa da coroa, justa até certo ponto, e condemnando os desmandos do clero, que se esquece da maioria das obrigações que lhe são impostas pelo concilio de Trento, para só se lembrar das que importam solidas garantias temporaes como aquella de que se trata, e pedindo, para terminar com as questões d'esta natureza, a separação da Egreja e do Estado.

O sr. Moraes Sarmiento, um sabichão da nossa terra, publicou no *incolor* uma cartinha com referencia á *Republica* accusando-a de ter traduzido mal umas palavras latinas citadas, ao que parece, de leve n'um escripto seu. Ora, o tal escripto é nem mais nem menos aquelle folhetim a que me referi, e o latim as palavras que eu, por uma diabolica coincidência, traduzi tal qual como o citado jornal; isto é, a proposição: «*Se queres paz, prepara a guerra.*»

Eu, amigo redactor, não teimo que a traducção litteral seja esta, porque a respeito de *latinorio* fui muito forte mas em rapaz, quando ajudava á missa na ermida da minha aldeia natal, e por isso vou remetter o *citado folhetim* ao meu velho amigo *Sampadius Rusticus*, muito conhe dor d'essa lingua morta, para elle me dar o seu parecer.

Descance, pois, até lá o sr. Moraes Sarmiento, o sabio militar...

Um velho lisbonense.

## NOTICIARIO

**Lausperenne.** — Expõe-se amanhã na capella de Nossa Senhora da Lapa.

**Casamento.** — Realison-se hontem ás 5 horas da tarde, o do exm.<sup>o</sup> sr. Joaquim Augusto de Carvalho Braga, com a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina d'Oliveira Braga, filha do exm.<sup>o</sup> sr. commendador João Antonio d'Oliveira Braga, director dos correios d'esta cidade, e da exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Angelina de Carvalho Braga. O illustre noivo é filho do fallecido e honrado sr. Domingos Antonio Rodrigues de Carvalho e irmão do exm.<sup>o</sup> sr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, antigo deputado da nação. A cerimonia do casamento teve lugar na capella particular do exm.<sup>o</sup> sr. João Antonio d'Oliveira Braga. Assistiram a ella as pessoas da familia dos noivos e alguns dos seus amigos mais particulares.

A noite serviu-se um magnifico e profuso chá. As excellentes qualidades e raras virtudes dos sympathicos noivos, fazem esperar n'este enlace um futuro todo cheio de felicidades e de venturas. Pela nossa parte desejamos-lhes do coração uma eterna lua de mel.

**Irmãos Davempont.** — Acham-se entre nós estes dous celebres presdigidadores, que esta noite e amanhã farão coisas diabolicas no theatro de S. Geraldo.

Noutro lugar publicamos o annuncio que diz respeito a este espectáculo.

Até onde desce o governo regenerador, e o que pôde o amor ás pas-

**tas:** — A *Revolução de Setembro*, respondendo ao *Jornal do Commercio* de Lisboa a respeito da proposta dos caminhos de ferro das Beiras, e não querendo desgostar nenhum dos deputados d'estas provincias, indicando qual primeiro dos caminhos devia começar disse: — que os quer ambos por trazerem prosperidade para o paiz, e porque está n'isso comprometida a honra do governo.

Se isto é assim, como pôde arrojar-se um ministro da corôa a ir declarar ao seio das commissões reunidas, de fazenda e obras publicas, que não faz questão ministerial da proposta que apresentou para a construcção dos dous caminhos?

Que governo é este?  
Aonde está a dignidade do poder?  
Pôde ser tomado a sério pelo paiz um similhante governo?

A *Revolução de Setembro*, seu órgão semi official, comprometteu gravissimamente seus amos n'esta importantissima questão.

**150 réis!!!** — No anno da graça em que se compra o *Pimpão* por cerca de 500 contos, para se banhar nas aguas do Tejo, apparece uma proposta para se gratificarem as praças que desembarcaram nas praias do Mindello com uma pensão de... CENTO E CINCOENTA RÉIS diarios!!!

Isto é que é generosidade! Isto é que é reconhecimento aos que nos deram a liberdade que gosamos!

Avante, governo presidente!  
Muito tem estudado estes regeneradores as necessidades publicas!...

Ora vamos, os 150 réis são livres de deducções?...

**Um ministro a fugir.** — Quando na camara alta o digno par do reino, o sr. Vaz Preto, perguntava ao governo se este se achava disposto a aconselhar á corôa a prorrogação das sessões da camara no caso de ser preciso fazel-o affirm de haver tempo para passar a proposta relativa aos caminhos de ferro das Beiras, o sr. Fontes eclipsoava-se deixando o sr. Barjona mettido na brecha; e só voltou depois de se ter entrado na ordem do dia!!

Bella retirada!

**Acordaram.** — Depois que o sr. Guerreiro, digno deputado por Chaves, declarou querer interpellar o sr. ministro das obras publicas acerca da morosidade na construcção da estrada de Braga a Chaves, outros snrs. deputados pediram para tomarem parte n'aquella interpeção.

Pela parte que nos toca agradecemos tão prompto favor; ficando certos de que só a voz eloquente do sr. Guerreiro podia operar similhante prodigio.

**Assim paga o diabo a quem o serve.** — O sr. Manoel d'Assumpção, fallando n'uma das ultimas sessões do que era o povo, disse — que o povo era bruto, imbecil, ignorante, e outras amabilidades mais!!!

Ahitem o povo, que votou á carga serrada em BOCAES d'esta ordem, que só cuidam em lhe tirar o ultimo real das algibeiras, a paga da sua cegueira e o delicado tratamento que recebe d'aquelles que se aproveitaram dos seus serviços.

Sirva-lhe isto de severa lição para o futuro. E' uma amostra do que são os deputados regeneradores.

**Vinganças politicas.** — Consta-nos que este bom systema tem sido adoptado pelo administrador do concelho de Chaves, contra o muito digno e respeitavel abbade de Aguas-frias, o reverendo sr. Silverio Fernandes de Miranda.

Fartar, fartar, vilanagem!

**Vão para dentro da pasta, em quanto não seguem caminho para debaixo da meza.** — Pela resposta que o sr. deputado Vasco Leão deu ao sr. deputado Marianno de Carvalho, entende-se que as representações que os povos dirigem ao parlamento reclamando contra os prejuizos que soffrem com a nova divisão comarcã ficam na pasta do secretario da commissão de legislação, como quaesquer papeis de pouca importancia!

E ainda haverá quem se atreva a dizer que não é muito feliz este tempo em que vivemos?!... Oh! se é!...

**Escolha digna.** — O sr. Frederico Augusto Pimentel, que tão dignamente exercia o lugar de chefe de secção na direcção das obras publicas d'este districto, foi nomeado 2.<sup>o</sup> engenheiro para a direcção das obras publicas de Lisboa.

O sr. Pimentel é um distincto engenheiro, e merecedor de toda a consideração e estima publica.

A sua nomeação para aquelle logar não foi, pois, mais que um acto de justiça que se praticou.

Felicitemol-o.

**Noticia importante.** — Consta em Lisboa que se tem realisado amiadadas reuniões nas salas da redacção do *Paiz*, a que concorrem os homens mais importantes dos partidos liberaes, não só para concordarem no modo de atacarem como merece o governo, como para tomarem conhecimento d'alguns documentos que dizem respeito á questão Folque.

Isto é simplesmente o ecco d'um boato que circula pela capital, mas que a realisar-se, seria de alta importancia politica.

Esperemos pelo tempo, que é quem tudo desmente ou corrobora.

**O projecto do codigo penal militar.** — Consta-nos que ha desintelligencias entre o sr. Fontes e a commissão de legislação da camara dos deputados, por causa do mencionado projecto, e originadas pelas muitas difficuldades que aquella tem apresentado para a sua acceitação.

Parece que a digna commissão não tem appetite de tragar aquelle chouriço de sangue.

Effectivamente o tal codigo parece-nos um bom prato de meio para o jantar d'um carneiro!

**Engorda das aves.** — No jardim da acclimação de Marselha tem-se feito experiencias muito curiosas para a engorda das aves, com resultados muito satisfactorios.

O processo não pôde ser mais simples: consiste em colher diaria e successivamente os frangãos, abrir-lhes o bico e introduzir-lhes no papo uma quantidade determinada de farinha com leite. Com este alimento, por espaço de oito dias apresentam-se muito gordos e de uma carne fina e delicada.

**Oliveira millionaria.** — Os snrs. duques de Palmella possuem nas suas propriedades de Azeitão uma oliveira que tem 36 palmos de circumferencia, é muito productiva e conta dois mil annos.

## THEATRO DE S. GERALDO

Acha-se aberta n'este theatro uma assignatura para duas unicas recitas dadas pelos celebres

## IRMÃOS DAVEMPONT

Estas recitas terão lugar hoje e amanhã, 9 e 10 do corrente.

Alguns artistas dramaticos, do Porto, tomam parte no espectáculo.

**PREÇOS.** — Camarotes de 1.<sup>a</sup> ordem, frente 2500, lados 2500 rs. — 2.<sup>a</sup> ordem, frente 3500, lados 2550 rs. — 3.<sup>a</sup> ordem 1550 rs. — Plateia superior 600 rs. — Geral 400 rs. — Galerias, frente 200 rs. — Geral 160 rs.

## DESPEDIDA

O abaixo assignado, não podendo pessoalmente despedir-se de todos os exc.<sup>mos</sup> snrs. que o honraram com a sua benevolamidade durante o largo periodo que residiu n'esta cidade, vem por este modo testemunhar-lhes quão sincera e profunda é a sua gratidão, e quão agradável lhe será poder prestar-lhes todo e qualquer serviço em Lisboa, para onde muda a sua residencia.

Braga 8 de Março de 1875.

(34) Frederico Augusto Pimentel.

## AGRADECIMENTO

João Pereira Henriques de Carvalho, Maria dos Remedios Pereira Henriques de Carvalho, Mequelina Pereira Henriques de Carvalho, Guilhermina Pereira Henriques de Carvalho, Adelaide Pereira Henriques de Carvalho, e Domingos Antonio Pinto dos Reis Barreto, manos e cunhado do

fallecido José Pereira Henriques de Carvalho, capitão que foi d'infanteria na disponibilidade; summamente penhorados para com os ill.<sup>mos</sup> e exc.<sup>mos</sup> snrs., entrando n'este numero a distincta corporação do regimento 8 d'infanteria, officiaes reformados, o respeitavel clero, que além de o terem visitado durante a sua enfermidade, honraram assistir ao seu funeral no real templo de Santa Cruz, e descer á sepultura no cemiterio publico no dia 3 do corrente. Ao ill.<sup>mo</sup> e exc.<sup>mo</sup> sr. commissario dos estudos d'este Lyceu Nacional e illustre professorado em geral, assim como os nobres academicos do lyceu bracarense.

As ill.<sup>mas</sup> e exc.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> que se dignaram com os seus cumprimentos de pezaes, e ao meu particular amigo o ill.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> Luiz Gomes da Silva, sempre incansavel, muito principalmente nas aproximações dos paroxismos da morte, nunca desamparou o leito da dôr, conservando-se varias noites n'esta sua casa; vão por este modo agradecer e protestar seu profundo reconhecimento, em quanto o não podem fazer pessoalmente. (35)

## AGRADECIMENTO

D. Anna Casimira da Cunha e Silva, D. Anna Julia d'Almeida e seu marido Augusto Eduardo de Araujo Cerveira e Serra, agradecem penhoradissimos a todos os ill.<sup>mos</sup> e exc.<sup>mos</sup> snrs. e sr.<sup>as</sup> que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu muito querido e extremecido neto e filho Francisco, bem como a todas as pessoas que assistiram aos responsos de gloria, que na capella do cemiterio publico tiveram lugar por alma do mesmo seu neto e filho. Pedem desculpa de cumprimentos. (28)

## ANNUNCIOS

## LEGADOS

Tendo fallecido D. Maria Joaquina Marques, da freguezia de S. Pedro de Oliveira, d'esta comarca, e deixando em testamento o legado de 25\$000 rs. a cada afilhado ou afilhada de baptismo, são convidados os interessados a apresentarem as competentes certidões legalizadas, no praso de 30 dias, ao testamenteiro João dos Santos Minho, á rua de S. João n.<sup>o</sup> 3, para se tomar conhecimento e serem attendidos no inventario amigavel a que se procede.

Braga 20 de Fevereiro de 1875. (26)

## DECLARAÇÃO E PREVENÇÃO

José Pereira Passos, negociante que foi na rua dos Chiões d'esta cidade, declara que quando passou o seu estabelecimento ao sr. Francisco Alexandre d'Araujo Aranha, não incluiu n'essa passagem as dividas ao mesmo estabelecimento, como lhe consta tem dito a alguns de seus freguezes que por tal razão e na duvida ainda não tem satisfeito; motivo porque previne por este meio as pessoas que lhe estão em debito que é a elle annunciante, e não ao dito sr. Aranha, a quem devem satisfazer as referidas dividas, pois quando assim o não façam terão de pagar segunda vez.

Braga 1 de Março de 1875.

José Pereira Passos.



# COMPANHIA EDIFICADORA E INDUSTRIAL BRACARENSE

Acha-se definitivamente organizada n'esta cidade a companhia denominada — **EDIFICADORA E INDUSTRIAL BRACARENSE.**

O fundo social da companhia é de 1.000.000\$000 rs. em 10 séries de rs. 100.000\$000 cada uma, sendo por enquanto emitida apenas a 1.ª em 4.000 acções de 25\$000 rs.

Os fins da companhia são:

- 1.º Adquirir terrenos, e n'elles edificar predios urbanos modestos, de diferentes typos e tamanhos, e alugal-os ás classes pobres, operarias e remediadas;
- 2.º Comprar, alugar e vender predios, quer no estado em que forem adquiridos, quer depois de reparados;
- 3.º Negociar em materiaes de construcção, principalmente madeiras, e adquirir por compra ou arrendamento jazigos de materiaes proprios dos intuitos da presente companhia;
- 4.º Montar machinas de serragem, moagem, carpinteria e fundição movidas por vapor ou por agua;
- 5.º Construir edificios publicos ou particulares em qualquer ponto do districto;
- 6.º Administrar e fiscalisar, mediante convenção prévia, os que por conta alheia forem feitos n'esta cidade ou nas suas immedições, assim como mediante a mesma convenção, dar consultas, elaborar planos e projectos, praticar e tomar a seu cargo todos os trabalhos da engenharia e architectura;
- 7.º Proporcionar ás classes laboriosas um meio facil, moral e suave, de adquirirem, segundo suas necessidades e aptidões, uma casa propria de habitação, mediante maiores ou menores *entradas* no acto do contracto, e mensalidades, annuidades ou prestações á vontade da parte, até preencher a somma estipulada;
- 8.º Iniciar ou desenvolver qualquer melhoramento publico, como exploração e abastecimento de aguas, saneamento da cidade, abertura de talhos de carnes verdes e qualquer outro ramo de industria conveniente aos interesses da companhia;
- 9.º Crear e sustentar, quando as circumstancias o permittam, uma escola nocturna de aprendizagem de operarios.

A abertura para inscripção de acções da presente companhia tera lugar no dia 12, e não no dia 8 do corrente, como anteriormente se tinha convencionado, por se não acharem promptos os impressos, em Braga nos escriptorios do Banco do Minho e Banco Commercial, e em casa do snr. João Augusto da Cunha, no largo do Barão de S. Martinho.

As acções são transferiveis até á realisacão de 50 p. c. de seu valor nominal e a ratificacão no acto da inscripção é de 5 p. c. ou 1\$250 rs. por acção.

D'entre os abaixo assignados, socios installadores, será constituído o corpo director da companhia.

Braga 2 de Março de 1875.

OS INSTALLADORES,

- José Maria Rodrigues de Carvalho.
- Visconde de S. Lazaro.
- Jeronymo da Cunha Pimentel.
- Henrique Guilherme Thomaz Branco.
- Francisco de Campos Azevedo Soares.
- Henrique Freire d'Andrade.
- João Carlos Pereira Lobato.
- Francisco Casimiro da Cruz Teixeira.
- Antonio José Gonçalves Braga.
- Frederico Augusto Pimentel.
- Francisco da Silva Araujo.
- João de Mello Falcão.
- José Alves de Moura.
- Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu.
- João Antonio d'Oliveira Braga.
- Joaquim Pereira da Cruz.
- Fernando Castiço.

## JORNAL DAS DAMAS

Publicou-se o n.º 98 d'esta interessante revista de litteratura e modas, unico jornal dedicado ás senhoras que em Portugal existe; contendo uma bem detalhada revista de modas, com a clara descripção das melhores *toilettes* que se usam em Paris, para passeio, reunião, baile, noiva, jantares, viagem, meninas, etc., ensinando a última moda dos casacos, polonezas, tunicas, corpetes, manteletes, chapeos, *fichus*, etc., etc.

Acompanham este numero tres bellos e elegantes figurinos gravados e illuminados em Paris.

Publica este mez — debuxos e moldes para fazer fato de senhora, executados em França, e offerece annualmente SEIS VALIOSOS E BONITOS BRINDES, bem como se dá gratis, a quem fizer a assignatura pelo presente anno, um exemplar do NOVO MANUAL DO FLORISTA, methodo para aprender a fazer flores de papel e de cera, augmentado com um breve tractado de jardinagem, a lin-

guagem e o emblema das flores, e muitas receitas necessarias para a conservacão das *toilettes* das damas, ornado de estampas explicativas.

A empreza offerece mais aos seus assignantes uma obra de reconhecido interesse familiar, a qual se distribue mensalmente ás folhas e gratis.

Assigna-se por anno 2\$000 rs. para Lisboa, ou 2\$400 rs. para as provincias, franco de porte, na livreria do editor Joaquim José Bordallo, rua Augusta n.º 24 e 26.

A importancia da assignatura para as provincias pôde ser remetida por meio de um vale, ou em estampilhas do correio.

### MACHINA

Vende-se uma machina para torcer algodão, linho ou lã, com a maxima perfeição: é nova e muito solida. Quem a pretender queira dirigir-se a Domingos José Pinto, rua do Bomfim n.º 489 — Porto. (4)

# BANCO COMMERCIAL DE BRAGA

Em virtude da deliberação da assemblea geral de 15 do corrente, que approvou a proposta da direcção para a elevação do capital inicial de 600 a 1.000 contos, fazendo-se para este fim uma 2.ª emissão de 400 contos em 8.000 acções de reis 50\$000 com o premio de 4\$500 reis por cada uma, a direcção, no sentido e em conformidade com o disposto nos §§ 2.º e 3.º do artigo 4.º dos Estatutos, convida os snrs. accionistas a declararem na thesouraria do Banco, ou na sua caixa filial do Porto, desde 15 até 25 de Março proximo futuro, se aceitam as acções da 2.ª emissão que lhes couberem em proporção das que actualmente possuem, devendo no acto não só apresentar as acções que possuem para se effectuar o rateio, senão tambem verificar o pagamento do premio correspondente ás acções que aceitarem, e a 1.ª entrada de 25 por cento, ou 12\$500 reis por acção.

A falta da dita declaracão e pagamento no mesmo acto será considerada como renuncia das acções correspondentes, as quaes ficam de conta do Banco para as collocar (nunca por premio inferior) quando e pela forma que a direcção julgar conveniente, d'accordo com o conselho fiscal, conforme foi resolvido pela mesma assemblea geral.

Braga 18 de Fevereiro de 1875.

Pelo Banco Commercial de Braga

OS DIRECTORES,

João Evangelista de Sousa Torres e Almeida.

Manoel José da Costa Guimarães.

Luiz Antonio da Costa Braga.

RUA DO SOUTO N.º 14

## DEPOSITO DE PIANOS E MUZICAS

E DAS MAIS ACREDITADAS SILENCIOSAS

## MACHINAS DE COZER

DO FABRICANTE POLLACK SCHMIDT & C.ª, FILIAL DAS CASAS DO PORTO E LISBOA DOS FORNECEDORES DA CASA REAL CORREA & C.ª

Ensino gratis. Venda a dinheiro e a prestações mensaes. Garantem-se por tempo illimitado.

Tambem se encontra á venda no mesmo estabelecimento — agulhas e inhas cruas, algodões e retroz, ferros avulso para as ditas machinas e oleo.

Acaba de sair a luz o

## CURSO

### DE CONTABILIDADE COMMERCIAL

DE RODRIGO AFFONSO PEQUITO

PROFESSOR DO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMMERCIAL DE LISBOA

OBRA APPROVADA PELO CONSELHO ESCOLAR DO MESMO INSTITUTO

PARTE I—Calculo e contractos commerciaes — Applicacões de arithmetica e de algebra ás operações commerciaes — Exposição desenvolvida sobre a practica das operações de cambio e respectivas arbitragens — Legislação e usos praticos, relativos aos principaes contractos commerciaes.

PARTE II—Escripturação commercial — Diversos systemas de escripturação — Analyse do systema das partidas dobradas — Livros e contas usadas no commercio — Correção de erros — Contas correntes com juros, pelos tres methodos conhecidos até hoje — Modelos de livros, nos quaes está feita a escripturação de uma casa de commercio, pelo systema de partidas dobradas — Contabilidade das casas bancarias e dos armadores — Contabilidade das sociedades anonymas — Companhias de seguros — Companhias de caminhos de ferro.

PARTE III—Contabilidade industrial ou da industria manufactora — Contabilidade agricola.

Um grosso volume de 535 paginas em 4.º

PREÇO 1\$500 REIS

Vende-se na livreria de PACHECO & CARMO — 136, rua do Ouro, 138 — Lisboa.

TYPOGRAPHIA LEALDADE — Rua Nova de Sousa n.º 24